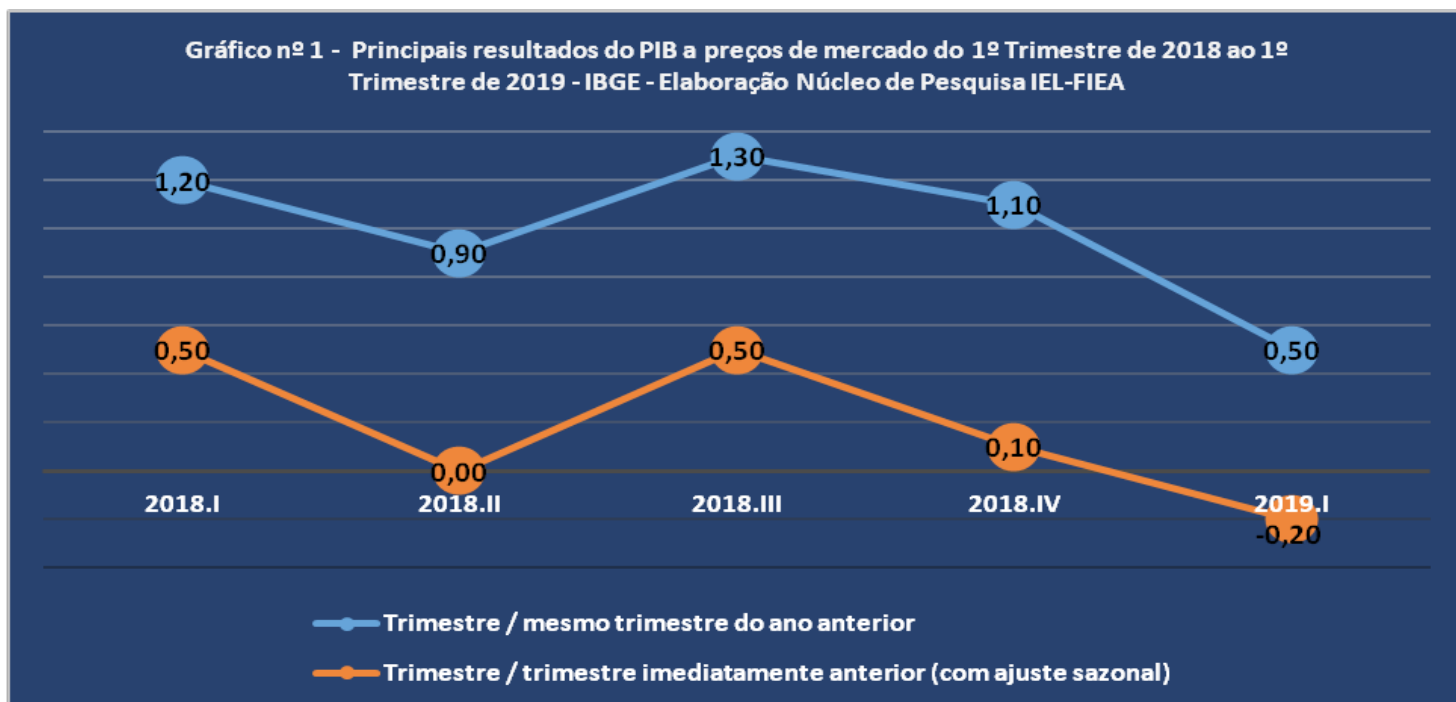




SÍNTESE DO PANORAMA CONJUNTURAL FIEA

O COMPORTAMENTO DO PIB NO 1º TRIMESTRE DE 2019



No primeiro trimestre de 2019, o comportamento do PIB brasileiro apresentou taxa negativa de crescimento da ordem de 0,2% em relação ao trimestre anterior e significativa desaceleração da atividade econômica quando comparado a igual período do ano anterior como pode ser observado no gráfico nº 1. Da ótica da demanda, a perda de dinamismo da economia brasileira deveu-se a expressiva desaceleração da taxa de crescimento do consumo das famílias que na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior passou de 2,90% para 1,30%; do consumo do governo que no mesmo período saiu de uma taxa de 0,70% para 0,10%; dos investimentos com taxas de 2,60% e 0,90%, respectivamente. Do ponto de vista da absorção externa, as exportações caíram do patamar de crescimento a taxa de 5,30% para 1,0% e as importações de 7,8% para -2,5% em relação ao primeiro trimestre de 2018. São sinais que confirmam a tendência nítida de perda de dinamismo da economia brasileira apontada em panoramas anteriores. Há um significativo consenso entre os analistas econômicos em apontar para as dificuldades de recuperação da indústria como o principal responsável para a queda do PIB, dada a importância desta para o dinamismo de uma série de

setores. Infelizmente as expectativas não são nada animadoras como mostram as estimativas realizadas pelo mercado para o crescimento da produção industrial em 2019, que no início do ano projetavam taxa de crescimento de 3,17% e agora encontra-se em 0,65%. Aliás, o PIB só não apresentou maior retração no primeiro trimestre do corrente ano graças ao setor de serviços que foi o único a apresentar crescimento quando comparado ao mesmo trimestre do ano anterior da ordem de 1,2%, enquanto a indústria e o agronegócios registraram retrações de 1,10% e 1,0%, respectivamente. A grande dúvida dos empresários e dos investidores atualmente é se o resultado negativo observado nos três primeiros meses do ano se repetirão no segundo trimestre o que configuraria tecnicamente um quadro recessivo. A este respeito, os sinais dos indicadores antecedentes de atividade econômica até o momento são preocupantes. O Índice de Atividade Econômica do BC (IBC-Br), que é considerado uma prévia do PIB, registrou retração de 0,47% em abril quando comparado ao mês anterior. Neste período o volume de vendas do varejo caiu 1,0%, a indústria e serviços apresentaram um modesto aumento de 0,3%, e o Índice de Confiança do Consumidor recuou 3,0%. O Índice de

Confiança do Empresário Industrial (ICEI) passou de 64,7 no primeiro trimestre para 58,4 no segundo, uma queda de 9,7%. Em abril a taxa de desemprego era de 12,5% com aproximadamente 13,2 milhões de pessoas desempregadas e 28,3 milhões subutilizadas. Em função desses indicadores instituições financeiras como Itaú e Bradesco projetam taxa de crescimento próximas a zero no segundo trimestre de 2019 e ambas trabalham com taxa de crescimento de 0,8% para o ano. A mediana das expectativas do mercado financeiro para o crescimento do PIB em 2019 está em 0,93%, mas nas últimas dezesseis semanas vem registrando ajustes para baixo o que é uma tendência preocupante. Em síntese, não dá para afirmar que a economia brasileira entrará em recessão técnica, mas a probabilidade está crescendo o que coloca a necessidade de medidas contra-cíclicas de curto prazo. Dado que não há espaço para medidas de estímulo fiscal, aumentam as apostas que estes estímulos viriam da política monetária com a redução da taxa básica de juros selic. Como será mostrado a seguir, apesar da resistência do Banco Central, aumentam as chances de cortes na selic até o final do ano que já estão sendo precificados pelo mercado.

AUMENTAM AS CHANCES DE REDUÇÃO DA SELIC EM 2019

A pesquisa FOCUS realizada semanalmente junto a várias instituições do mercado financeiro pelo Banco Central do Brasil registrou pela primeira vez em 2019 redução das expectativas para a taxa básica de juros (selic) no final do ano, que passou de 6,5%aa para 5,75%aa. Um conjunto de fatores contribuiu para que o mercado revisasse para baixo as suas projeções para a selic, apesar do Banco Central continuar resistindo as pressões dos analistas. O BCB continua reconhecendo em suas atas do Comitê de Política Monetária (COPOM) que a economia vem encontrando dificuldade para se recuperar em função da fragilidade da demanda, mas pondera que há riscos internos como dificuldades políticas para agilizar o processo de votação da reforma da previdência e um contexto internacional de muita volatilidade em função das tensões comerciais entre China e EUA. Do ponto de vista do BCB começar a reduzir os juros sem uma clara definição quanto ao equacionamento do problema fiscal poderia reforçar as expectativas de inflação futura dos investidores e, deste modo, a estabilidade dos preços. O BCB implicitamente reconhece que um cenário de maior incerteza e volatilidade na economia brasileira tem

contribuído para sua resistência, uma vez que tal contexto pode ter reflexos sobre as taxas de câmbio e, posteriormente, de risco. Ou seja, a redução dos juros poderia precipitar a saída de capitais pressionando ainda mais a desvalorização do Real frente ao Dólar com reflexos sobre a inflação. A maior aposta do mercado na redução da selic pode estar diretamente associada ao aumento do otimismo quanto a aprovação da reforma da previdência com boa potência fiscal. Estimativa recente realizada pela empresa de consultoria EURASIA aumenta para 90% as chances de aprovação da reforma em 2019, com economia entre R\$ 700 e R\$ 800 bilhões em dez anos. Ademais, continuam pesando para a queda da selic os seguintes fatores: a) nas últimas dezesseis semanas, o mercado vem revisando para baixo a taxa de crescimento do PIB em 2019 que passou de mediana de 2,5%aa para 0,93%aa; b) a mediana das expectativas para o IPCA no final do ano começou a se distanciar do centro da meta para este ano de 4,25% e registrou no relatório FOCUS de 17/06/19 taxa de 3,84%; c) apesar do BCB em seus relatórios afirmar que o atual nível real da selic está no patamar que estimula a atividade econômica, estimativas realizadas

pelo mercado, como a elaborada pela empresa de consultoria LCA, apontam para uma taxa de juros real neutra, com efeitos nulos sobre a atividade econômica, uma vez que estaria muito próxima a taxa estrutural de longo prazo que gravita em torno de 2,5%; d) a nítida desaceleração da atividade econômica vem afetando negativamente a arrecadação de impostos exigindo do governo mais cortes de gastos para que a meta de superávit fiscal e o teto dos gastos fossem cumpridas, o que tira tração da economia no curto prazo. Neste caso, a redução da taxa selic contribuiria para aliviar os gastos com o serviço da dívida e permitir algum espaço fiscal para se evitar contingenciamentos. A mediana das expectativas do mercado para o crescimento da produção industrial em 2019 passou do patamar de 3,17% no início do ano para 0,65% registrado no relatório FOCUS de 17/06/2019 exibindo uma grande correlação com que é esperado para o PIB. Ante este contexto de reversão das expectativas, a redução da taxa básica, apesar de necessária, por si só muito provavelmente não será suficiente para reanimar a retomada dos investimentos das empresas no curto prazo o que aumenta desafio para reanimar a economia.

A PRODUÇÃO INDUSTRIAL BRASILEIRA EM ABRIL DE 2019

Variações da Produção - Março - 2019 - %

	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	0,3	-3,9	-2,7	-1,1
Bens de capital	2,9	-0,6	-3,1	1,8
Bens intermediários	-1,4	-6,1	-3,1	-1,5
Bens de consumo	3,1	-0,3	-1,5	-1,0
Bens de consumo duráveis	3,4	1,2	-2,2	0,6
Semiduráveis e não Duráveis	2,6	-0,7	-1,3	-1,4
Extrativa Mineral	-9,7	-24,0	-11,8	-2,4
Transformação	1,2	-1,0	-1,3	-0,9

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal. Elaboração Própria.

O desempenho da indústria brasileira em abril de 2019 apresentou, no levantamento com ajuste sazonal, discreta elevação de 0,3%. Na comparação com o mesmo mês em 2018 a indústria registrou queda de 3,9% na produção. De acordo com o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento da Indústria (IEDI), "em abril de 2019, teve continuidade o quadro recessivo que vem se desenhando desde o final do ano passado para a indústria. Deste modo, já se espera que o

resultado para o ano como um todo seja o mais fraco desde que o setor começou a recuperar suas perdas, a partir de 2017. Se isso se efetivar, estaremos dando um passo atrás, pois o resto do mundo não nos espera: a indústria global cresce e avança em direção a um novo padrão tecnológico. Por sua vez, desemprego muito próximo de seus patamares recordes e baixo crescimento da massa de rendimentos reais são fatores que têm prejudicado a evolução dos bens de consumo

semi e não duráveis e que tampouco favorecem os ramos de bens de consumo duráveis. Além destes, há ainda um contexto internacional cada vez mais complexo diante das tensões comerciais entre EUA e China, o que fazem pesar ainda mais nossos problemas de competitividade e comprometem o recurso à exportação como meio de compensar o baixo dinamismo do mercado doméstico."

Ainda segundo o IEDI, "o nível de utilização da capacidade instalada da indústria de transformação, de acordo com a série da FGV com ajustes sazonais, foi de 74,5% em abril de 2019, isto é um patamar muito semelhante ao de março e fevereiro (74,7%) e abaixo daquele de um ano atrás (76,4% em mar/18). O indicador ficou, assim, longe de sua média histórica, que é de 80,1%. Já o indicador da CNI, progrediu marginalmente na passagem de março para abril de 2019, já descontados os efeitos sazonais, ao variar +0,6 p.p. e chegar a 77,8%. Este patamar está quase 0,3 p.p. abaixo do nível de um ano atrás (78,1% em abr/18), mostrando a involução da indústria de transformação neste período. Tal como ocorre no caso do indicador da FGV, a utilização aferida pela CNI permanece razoavelmente abaixo da média histórica do indicador, iniciado em jan/03, e que é de 80,9%."

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS- FIEA

Presidente
José Carlos Lyra de Andrade

1º Vice presidente
José da Silva Nogueira Filho

Diretor executivo
Walter Luiz Jucá Sá

Gerente UNITEC
Helvio Vilas Boas

INSTITUTO EUVALDO LODI - IEL

Diretor Regional
José Carlos Lyra de Andrade

Superintendente
Helvio Braga Vilas Boas

Coordenadora de Inovação e Pesquisa
Eliana Maria de Oliveira Sá

Elaboração
NÚCLEO DE INOVAÇÃO E PESQUISA DO IEL/AL

EQUIPE TÉCNICA

Luciana Peixoto Santa Rita
Reynaldo Rubens Ferreira Junior

Laura Vitória Chagas Lins
Lhara Maria Dias Magalhães
Luan Victor Ramalho de Oliveira
Thallyson Eduardo Alves Martins

CONTATO: (82) 2121-3079